

## **Texto A4 “Críticas ambientalistas à Revolução Verde” – Roberto José Moreira**

Ana Clara Teixeira; Beatriz Dal Pozzo; Leticia Yamauchi;

Luigi Crivelaro; Rafael Aguiar; Natalia Ravagnani.

A Revolução Verde foi um processo de modernização da agricultura a fim de aumentar a produção agrícola e minimizar a fome, por meio do desenvolvimento de pesquisas em sementes, fertilização do solo, utilização de agrotóxicos e a mecanização do campo. Iniciou-se na segunda metade do século XX, quando o governo mexicano convidou a Fundação Rockefeller a realizar estudos sobre a fragilidade de sua agricultura. A partir daí, cientistas criaram novas variedades de milho e trigo de alta produtividade, permitindo ao México aumentar de forma vertiginosa sua produção. A partir desta experiência, houve a difusão dessas novas técnicas agrícolas.

No Brasil, a Revolução Verde foi difundida, sobretudo, durante o regime militar, nas décadas de 1960 e 1970, através de políticas públicas para adoção do novo modelo entre os agricultores, as quais envolveram a oferta de crédito atrelado à compra de insumos (agrotóxicos e adubos); a criação de órgãos de pesquisas nacionais e estaduais para dar suporte à implantação do modelo; o treinamento, no exterior, para professores das faculdades de agronomia e a criação de um serviço de extensão rural para levar a tecnologia até o agricultor. Assim, houve a propagação de monoculturas, com plantas híbridas, as quais eram fortemente apoiadas em uso de energias não renováveis (agrotóxicos, adubos, etc) e intensa mecanização.

Com o desenvolvimento de alimentos transgênicos, acirrou-se uma intensa discussão sobre a nova fase desta Revolução Verde, com posições favoráveis e contrárias. Alguns especialistas acreditam que são capazes de erradicar a fome mundial, pois a produtividade se elevou e o conteúdo nutricional do alimento melhorou. Ademais, acreditam que o uso de agrotóxicos é um fator positivo, pois podem evitar a perda de 10% a 40% da produção agrícola mundial.

No entanto, outros estudiosos acreditam que os transgênicos podem gerar inúmeros danos à saúde humana, os quais ainda não são muito conhecidos, aos animais e também ao meio ambiente, por diminuir a biodiversidade do planeta e aumentar a poluição/contaminação. Por outro lado, poucas empresas transnacionais dominam a produção de sementes transgênica, o que representa uma forte dependência dos agricultores ao pacote tecnológico associado ao cultivo de OGM.

Agora, tratando do debate sobre a sustentabilidade, convém lembrar que, em 1987, a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente difundiu a ideia de que desenvolvimento sustentável é aquele que satisfaz as necessidades do presente sem colocar em risco a satisfação das necessidades das futuras gerações. Anteriormente, nos anos 60 e 70, a noção de ecodesenvolvimento, que precede a noção de desenvolvimento sustentável, é proposta por Ignacy Sachs com seis requisitos:

- 1) satisfação das necessidades básicas;
- 2) solidariedade com as gerações futuras;
- 3) participação da população;
- 4) preservação do meio ambiente;

- 5) elaboração de um sistema social garantindo emprego e segurança social;
- 6) programas de educação.

Herdeiro destas ideias, o desenvolvimento sustentável representa uma noção em debate sob pressão de diferentes interesses nacionais e sociais. Com efeito, interesses conservadores minimizam a crítica de movimentos ambientalistas à sociedade industrial e aos países desenvolvidos, propondo que a superação do subdesenvolvimento no hemisfério Sul depende do crescimento contínuo dos países industrializados desenvolvidos. Desta forma, há uma oposição à tese de desenvolvimento autónomo dos países periféricos. Os diferentes interesses económicos e sociais que se expressam na esfera sociopolítica impõem, portanto, diversas perspectivas à questão da sustentabilidade.

Por outro lado, a crítica ambientalista à Revolução Verde desenvolve-se a partir de uma análise socioecológica dos métodos tecnológicos de modernização da agricultura, que favoreceu a produção em larga escala e constitui um dos maiores obstáculos para o desenvolvimento da agricultura sustentável. Tal crítica se fundamenta em três ângulos diferentes: técnico; social e económico.

Do ponto de vista técnico, argumenta-se que esses métodos de produção causam o aumento da poluição e o envenenamento de recursos naturais e dos alimentos, gerando, também, perda da biodiversidade. Assim, os métodos agroindustriais de produção utilizam de forma irracional dos recursos naturais, o que gera graves danos ao meio ambiente devido à falta de prudência, que é premissa do desenvolvimento sustentável. Como resposta, emergem os movimentos de agricultura orgânica e agroecologia.

Outro tipo de crítica enfatiza o lado social. Insiste sobre a desigualdade distributiva de recursos e de acesso à terra, com a marginalização de muitos trabalhadores rurais. Assim, esta crítica salienta que os métodos introduzidos pela Revolução Verde aumentam a desigualdade, já que privilegiam os grandes produtores rurais com suas grandes monoculturas. Esta produção é destinada em grande medida ao mercado externo. Então, este modelo não erradica a fome, ao contrário do que é difundido, pois aumenta a pobreza e a exclusão social.

Por fim, um último tipo de crítica focaliza o âmbito económico, fundada sobre uma análise das matrizes energéticas utilizadas pelos grandes produtores. O uso de fontes não-renováveis gera aumento dos custos de produção, provocando, em última análise, um aumento nos custos dos alimentos. Ademais, muitos agricultores se endividaram para conseguir se inserir nesse novo modelo de produção, muitos deles não conseguindo sobreviver enquanto tal. Os críticos acreditam que é necessário desenvolver matrizes energéticas alternativas, valorizando fontes energéticas renováveis.

Conclui-se que a sustentabilidade nasce da crítica ambientalista. A Revolução Verde gerou poluição do solo, sua deterioração, perda da biodiversidade, contaminação de rios e aquíferos devido ao uso de agrotóxicos, assoreamento dos cursos d'água, entre outros danos. Os críticos ambientalistas são muito reticentes a respeito dos transgênicos, pois não se sabe ao certo o que podem causar tanto no homem como no meio-ambiente. Enfim, a sustentabilidade está no centro de um debate sobre soluções para esses

problemas contemporâneos. Está em questão uma maneira de estabelecer uma relação saudável do homem com a natureza.